

Fotos de Olavo Rufino



“... um bom lugar
Pra se encontrar
Copacabana
Pra passear
À beira mar
Copacabana
Depois um bar
à meia-luz...”

*Sábado em
Copacabana*
Dorival Caymmi e
Carlos Guinle

A cidade das canções

*Tese de mestrado prova que o Rio de Janeiro
pode ser conhecido pelas letras de músicas*

Há um Rio de Janeiro que rima com as ondas do mar, o Cristo Redentor de braços abertos sobre a Baía de Guanabara, a mendicância dos sinais fechados, o sobe-e-desce dos favelados. É isso que o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello está revelando nas 300 páginas de uma tese onde prova que o mapa da cidade pode ser devassado através da poesia dos compositores populares. “É possível realizar uma viagem turística tendo como guia as letras das canções”, assegura Mello.

É possível, sim. A tese *O Rio de Janeiro da música popular brasileira — uma introdução à geografia humanística*, aprovada por unanimidade em ju-



Mello: tese musical

nho passado pela bancada do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, tem muito mais do que o mérito de analisar o Rio a partir da enxurrada de músicas que a cidade inspirou entre os anos de 1928 e 1991. É o primeiro trabalho do mundo, nesta área de estudos, que utiliza a música como pesquisa. O resultado é surpreendente. Basta ler os versos das 117 músicas selecionadas para se conhecer muito dos últimos 63 anos da cidade. “O Rio dos compositores é diferente do que aparece nos ensaios e livros dos cientistas sociais”, constata o geógrafo João Baptista Mello. “É o Rio do homem da rua, dos moradores, de gente comum.”

“...é o amor
É o calor
A cor da vida
É o verão
Meu coração
É a cidade...
O Rio está
cheio de sol...”

Tempo de estio
Caetano Veloso



Frederico Rozário

Bruno Veiga

“Minha cabocla
A favela vai abaixo
Ajunta os troço
Vamo embora
Pro Bangu...”

A favela vai abaixo
Sinhô

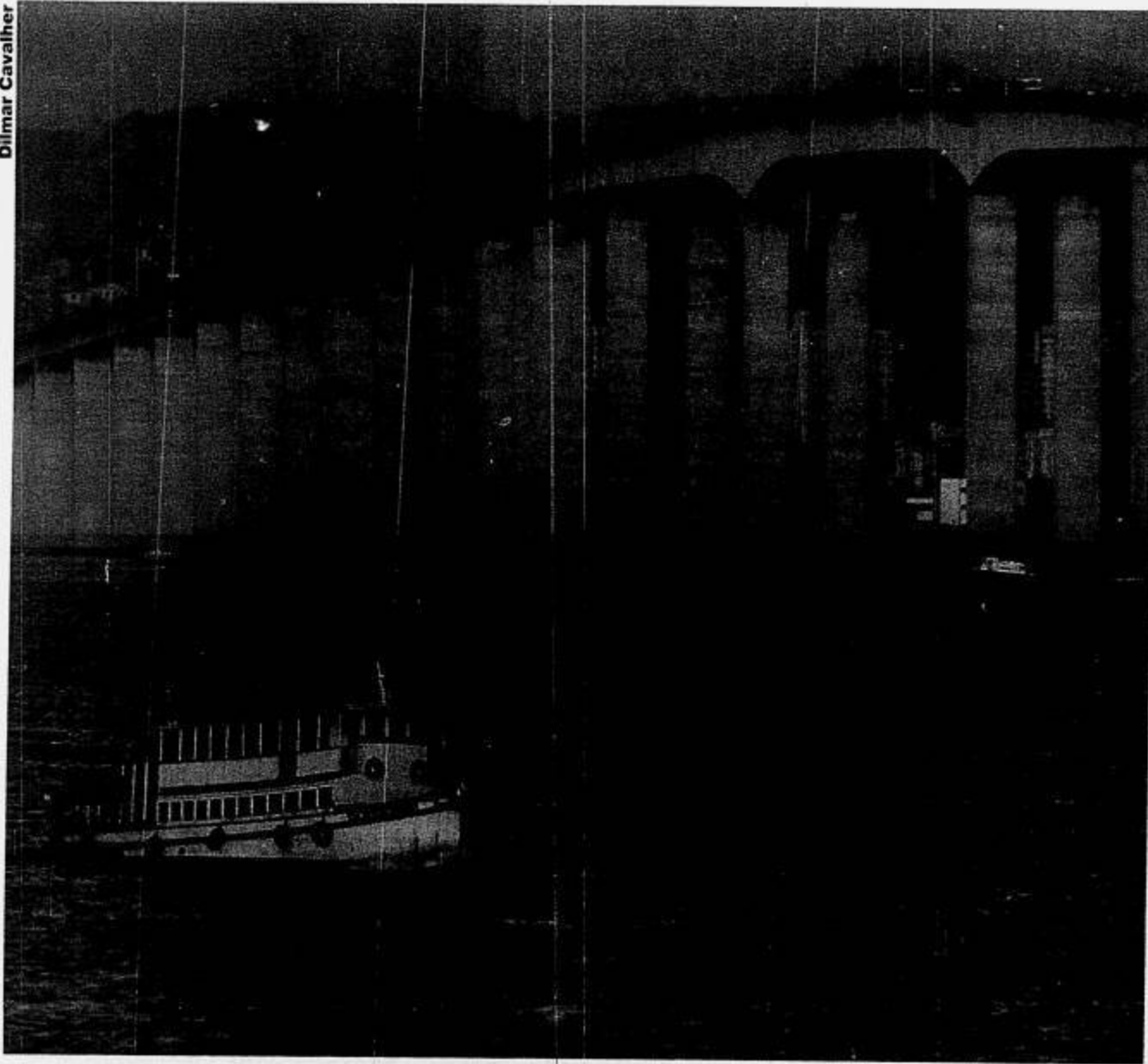


“E assim a região
Sofre modificação
Fica sendo chamada
De nova Aquarela
É aí que o lugar
Então, passa a se
Chamar, favela”

Favela
Padeirinho
e Jorginho

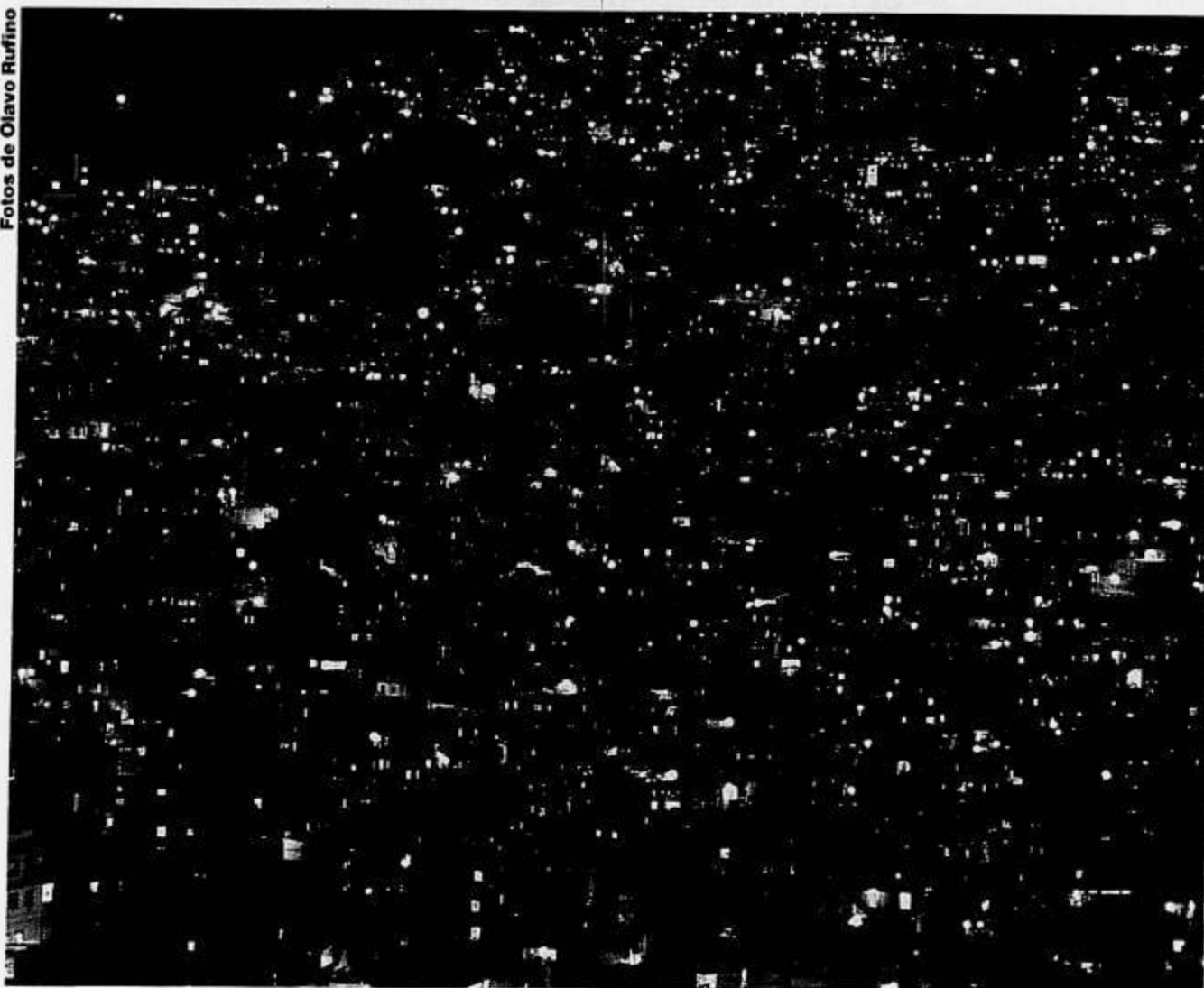
MAPA MUSICAL. A idéia de usar as relações entre a música popular e o Rio de Janeiro como tese de mestrado nasceu depois que ele assistiu ao show *Marlene na Praça Onze dos bambas*. Aparentemente, Marlene, Praça Onze e música não têm nenhuma relação com geografia. “Descobri que têm tudo a ver”, proclama o geógrafo, depois de passar quatro anos estudando letras de músicas na Biblioteca Nacional e no Museu da Imagem e do Som. Mais. Durante um ano e meio recorreu à memória dos amigos e do musicólogo Jairo Severiano, com os quais analisou cerca de 300 letras. “Só sobre a Mangueira existem umas 120. O Rio realmente é uma grande fonte de inspiração.” E não só pela beleza do mar azul ou a sensualidade das meninas em tempo de estio. A inspiração dos poetas não conhece fronteiras. Passeia pelas latas d’água nas cabeças das mulheres, molha os pés com os alagados da Favela da Maré, é pingente no ônibus 433 que sai do Baixo Leblon para a Praça Barão de Drummond, em Vila Isabel.

Das 117 músicas que o acompanham na tese, João Baptista Mello só não conhecia uma, *Pertinho do céu*.



“Só vendo como
É que dói
Só vendo como
É que dói
Trabalhar em
Madureira
Viajar na
Cantareira
E morar em
Niterói...”

Mambo da Cantareira
Barbosa da Silva
e **Elói Warthom**



“Vista assim
Do alto
Mais parece um céu
No chão
Sei lá
Em Mangueira
A poesia feito
Um mar
Se alastrou
E a beleza do lugar
Pra se entender
Tem que se achar
Que a vida não
É só isso
Que se vê...”

Sei lá, Mangueira
Paulinho da Viola e
H. B. de Carvalho

'Lata d'água
 Na cabeça
 Lá vai Maria
 Lá vai Maria...
 ...Maria lava roupa
 Lá no alto
 Lutando pelo pão
 De cada dia
 Sonhando com a vida
 Do asfalto
 Que acaba
 Onde o morro
 Principia"

Lata d'água
Luiz Antônio
e Jota Junior



"Alagados...
 Favela da Maré
 A esperança não
 Vem do mar
 Nem das antenas
 De TV
 A arte de viver
 Da fé
 Só não se sabe
 Fé em quê..."

Alagados
Herbert Vianna e
Hermano Vianna



composta em 1942 por Wilson Batista e Roberto Martins. Mas estes quatro anos de trabalho, sempre apoiado na geografia humanística — uma corrente da geografia que estuda o lugar sob a ótica do morador —, levaram-no a conclusões reveladoras. Até a década de 70, os compositores se concentravam no brilho e encantos da cidade e falavam da esperança dos migrantes nordestinos: "Peguei um ita no norte/ E vim pro Rio morar", cantava Dorival Caymmi, em 1941. Mudou. "Quando a cidade começa a viver instantes de degradação, os músicos não ficam alheios e passam a noticiar esta nova fase", avalia o pesquisador. Exemplo: "Nossa famosa garota nem sabia/ A que ponto a cidade chegaria/ Esse Rio de amor que perdeu", lamentavam Toquinho e Vinicius de Moraes em *Carta ao Tom 74*.

FAVELAS E DOENÇAS. Ao lado de pranchas e barquinhos, os compositores passaram a alinhar a contundência dos novos tempos. Nada mais arrasador do que a tenebrosa *Rio fora do Tom*, de Jards Macalé: "Vamos a la playa/ Pegar conjuntivite/ Quem sabe uma cistite/ Talvez uma hepatite." Em todas as épocas, os bairros mais cantados foram sempre os mesmos: Lapa, Copacabana, Madureira e as favelas não saem nunca da cabeça dos compositores. "A favela aparece quase sempre como um mundo particular, com vida própria, ou em oposição ao asfalto, à cidade." Chico Buarque é o compositor mais citado ao longo da tese do geógrafo. Não só pelas sete músicas selecionadas, mas por ser um dos poucos que tanto falam do lugar onde vivem — como em *Morro Dois Irmãos*, que pode ser visto da varanda de sua casa — como de outros lugares como a favela da Mangueira em *Derradeira estação* ou a Lapa em *Homenagem ao malandro*.

Enfim, há uma cidade para todas as viagens e todos os cartões-postais. Se há um Rio de Janeiro que continua lindo na sonoridade de Gilberto Gil, há também a Copacabana supergueto do capitalismo exacerbado, cantada por Fausto Fawcett, as favelas sem estereótipos de Bezerra da Silva, e da janela vê-se o Corcovado e o Cristo Redentor de Tom Jobim. Lapsos inexplicáveis como a ausência de canções como *O nome da cidade*, de Caetano Veloso, são compensados pelo pesquisador ao percorrer a cidade despido de preconceitos. É um passeio pelas ruas, um encontro de esquinas cariocas.

MÁRCIA VIEIRA